



**Richard Hammond**

# O dia em que morri

Uma pergunta que assombra muita gente: “Como será que eu vou morrer?” Às 17h30 de uma quarta-feira, 20 de setembro de 2006, eu descobri a resposta. Soube como e quando minha vida ia acabar.

POR RICHARD HAMMOND E MINDY HAMMOND





Eu estava em mais um quarto de hotel, passando mais uma noite longe de casa, trabalhando para o programa *Top Gear*, da rede de televisão britânica BBC. Liguei para Mindy, minha mulher – sempre telefonamos um para o outro antes de dormir, quando estou viajando. Nossas filhas, Isabelle (quase 6 anos na época) e Willow (3 anos), já estavam na cama. O pequeno zoológico que temos em casa, composto por quatro cavalos, cinco cachorros, três gatos, um pequeno rebanho de ovelhas e algumas galinhas, havia sido alimentado e também já estava dormindo. Minha cadela TG (batizada em homenagem ao *Top Gear*) estava bem, e ia ser tosada no dia seguinte – ela andava fingindo ser um cão pastor, e seu pêlo longo e fofo agora estava cheio de carrapichos. Eu e Mindy desejamos boa-noite um ao outro. Em menos de 24 horas eu já teria dirigido o carro com motor a jato e voltado para casa, em Gloucestershire.

**Afinal, a idéia** fora minha mesmo. Eu já trabalhava no *Top Gear* fazia quatro anos, e o programa, que fala de veículos motorizados com enfoque especial em carros, funciona melhor quando toda a equipe joga idéias num liquidificador para ver no que dá. “Acho que devíamos fazer uma matéria sobre ir mais rápido do que qualquer um já foi”, sugeri. “Velocidade em linha reta. Eu já cheguei a andar a quase 320 quilômetros por hora, de carro e de motoci-

cleta. Qual seria a sensação de ir mais rápido? Muito mais rápido?”

Meu chefe, Andy Wilman, olhou-me interessado. Insisti: “Podemos ser o programa mais rápido do mundo. Que tal?” Andy assentiu.

**Atravessei o aeródromo** de Elvington, que fica perto de York, cidade no norte da Inglaterra. Eu estava com mais de 30 anos e realizando um sonho que tinha desde criança. Caminhei confiante em direção ao Vampire, o carro com propulsão a jato que eu iria pilotar diante da equipe de produção do *Top Gear* e, graças aos esforços da equipe, diante também de milhões de telespectadores no mundo todo. Nunca é bom se sentir prepotente demais – afinal, quanto maior a altura, maior a queda –, mas, quando coloquei sobre o macacão prateado que usava o colar cervical azul que protegeria minha coluna e meu pescoço, o menino de 10 anos que ainda existia em mim estava morrendo de ansiedade e estourando de orgulho.

O Vampire parecia um daqueles carros do tipo *dragster*, minha paixão de criança, quando, diante da TV, procurava pedaços de Lego para construir carrinhos iguais àquele, com uma carroceria longa e fina, rodas traseiras imensas e rodas da frente pequenas. Mas meus modelos não tinham aquela peça cilíndrica que fica bem atrás da cabeça do piloto – o motor a jato, coração daquela máquina e razão de sua existência.

Coloquei o capacete, passei por cima das barras de proteção que rodeavam



o banco do piloto e me sentei. O carro foi rebocado até o início da pista. As barras de aço me apertavam tanto que a respiração estava entrecortada, enquanto meu peito se ajustava àquele espaço exíguo. Olhei para as luvas de corrida quando minhas mãos tocaram o volante: não era uma roda, mas duas peças parecidas com a parte superior de uma enxada de jardinagem. Mais uma volta na pista, uma breve explicação sobre o carro na frente das câmeras e eu poderia voltar para casa.

Naquela manhã, antes de entrar no Vampire, eu vira seu dono e construtor, Colin Fallows, correr como um doido com ele na pista. Colin já fizera aquilo centenas de vezes. Ao observá-lo, senti um frio na barriga.

O Vampire é composto por um motor, um pára-quadras que o faz desacelerar e parar, e um banco para o piloto. Não há embreagem, acelerador ou velocímetro. Só um botão para acelerar o motor até o ponto necessário, uma enorme alavanca de metal, que o desliga e faz o pára-quadras se abrir, e um pedal que serve de freio, usado para manter o carro parado enquanto se acelera o motor. Meu pé esquerdo ia ser colocado em cima de outro pedal, um dispositivo de segurança. Se algo acontecesse comigo e eu perdesse a consciência, meu pé sairia de cima do dispositivo, o que desligaria o motor

**“Eu quero ir mais rápido!  
Quero mais velocidade!”**





imediatamente. Havia também um pequeno interruptor para acionar a pós-combustão, que faria com que um jato de fogo passasse pelo motor, inflamando o combustível ainda não queimado e criando uma espécie de cruzamento entre um motor a jato e um foguete. Nesse momento, o carro passaria a ter potência dobrada, de 10 mil BHP (*break horsepower*, potência ao freio).

segundos depois de eu apertar o interruptor da pós-combustão, a corrida já havia terminado. Eu vivenciara uma potência que, juntos, dez carros de Fórmula 1 teriam dificuldade em atingir. Isso me deixou em êxtase. Colin e a equipe tinham visto, graças ao aparelho de telemetria que havia a bordo, que eu chegara à velocidade de 505,97 quilômetros por hora, quebrando o re-



**“As barras de aço me mantêm firme dentro do carro, enquanto ele capota e acaba sendo enterrado no chão.”**

As duas primeiras voltas serviram para que eu me acostumassem à enorme potência do motor a jato e passasse a dominar a técnica necessária para manter o carro em linha reta. Colin me dissera que, para compensar a inclinação das rodas e os ventos contrários, eu teria de manter o volante num ângulo de 30 graus. Na terceira volta, a pós-combustão não funcionara direito. Mas na quarta o carro voou exatamente como deveria, transformando-se num objeto alucinado e violento. Apenas 23

corde britânico oficial de velocidade terrestre. Mas eles não disseram nada. E havia tempo para mais uma volta.

**Colin inicia o procedimento.** O barulho do motor cresce até se transformar no zumbido de um motor a jato. Colin me faz um sinal, mostrando que posso ir em frente. O medidor de potência é colocado em 125%. Aperto o interruptor e tiro o pé do freio. Em menos de oito segundos, estou a 321,86 quilômetros por hora.

*Em 14,25 segundos: 463,97 quilômetros por hora...*

Quando meus sentidos se aceleram o suficiente para que eu compreenda



o que está acontecendo, percebo que algo não vai bem. O carro não está se movendo como de costume, e parece tentar sair da linha reta em que anda.

*Em 14,64 segundos: 459,14 quilômetros por hora...*

Estou virando o carro para um dos lados, mas algo me puxa para o outro. Sem que eu percebesse, o pneu dianteiro direito havia estourado. Nas ima-

medo, não vejo *flashes* da minha vida passarem diante de mim. Fico resignado. E desmaio, quando a força “g” gerada pela batida excede o nível em que seria possível manter a consciência.

As barras de proteção resguardam minha cabeça, mas afundam na grama, diminuindo a velocidade do carro de 373,36 para 307,38 quilômetros por hora em apenas 0,46 segundo. Meu



gens do acidente, é possível ver quando a frente do carro se levanta com a explosão, fazendo com que a outra roda também saia do chão.

*Em 15 segundos: 449 quilômetros por hora...*

O carro dá uma guinada para a direita. Piso no freio com toda a força – uma reação instintiva, porém inútil. Continuo na luta, mas perdendo.

*Em 15,71 segundos: 373,36 quilômetros por hora...*

Sei que estou prestes a bater. Lembro da alavanca que solta o pára-quadras. Puxo-a. O carro não pára e começa a capotar de lado. Estou quase convencido de que vou morrer. Não sinto

cérebro é atirado para a frente e sacudido; ele se alonga, atingindo a parte frontal do crânio. O impacto estica alguns nervos, fazendo com que se rompam. Isso pode me deixar paralisado, surdo, cego ou destruir minha personalidade, aniquilando a parte de mim que reconheço como o meu “eu”.

Parte do carro toca a grama e afunda, fazendo a estrutura girar mais uma vez e ser sacudida violentamente. Uma avalanche de lama e pedras arrancadas do chão pelas barras de segurança faz com que o visor do capacete se abra, expondo o meu rosto. Meu olho esquerdo é ferido, e o tecido em volta dele pulverizado. A boca e o nariz se enchem



de terra e lama. Minha cabeça é atirada para a direita, e a lateral do capacete afunda e se parte ao bater na estrutura do carro. Com isso, o lado direito do meu cérebro fica mais machucado.

Então tudo termina. Apenas cinco segundos após o pneu estourar, o carro está parado de cabeça para baixo, com as rodas ainda girando. Continuo consciente, mas várias mudanças estão ocorrendo no meu corpo. O cérebro, atirado de um lado para o outro dentro do crânio, está começando a inchar. Não consigo respirar direito por causa dos detritos que me enchem a boca e o nariz. Meu estado é crítico. Naquele momento, achei que havia morrido.

## Mindy

Foi Andy Wilman quem me telefonou no fim da tarde de quarta-feira, 20 de setembro de 2006.

- Mindy, o Richard sofreu um acidente.

- Bateu? Como é que ele está?

- Mexendo os braços e as pernas. Está sendo levado para o Leeds General Infirmary. Encontro você lá.

Andy não estava com a equipe na hora da filmagem, e saíria de Londres. Eu sabia que isso significava que a batida fora feia. Liguei para os pais de Richard, que imediatamente se ofereceram para cuidar das meninas, e em seguida para minha mãe, que me aconselhou: "Dirija com cuidado. Diga-me o que posso fazer para ajudar e me ligue assim que possível." Eu me preparei para dar a notícia a Izzy e Willow.

- Papai bateu de carro de novo.

- De novo?! - disse Izzy.

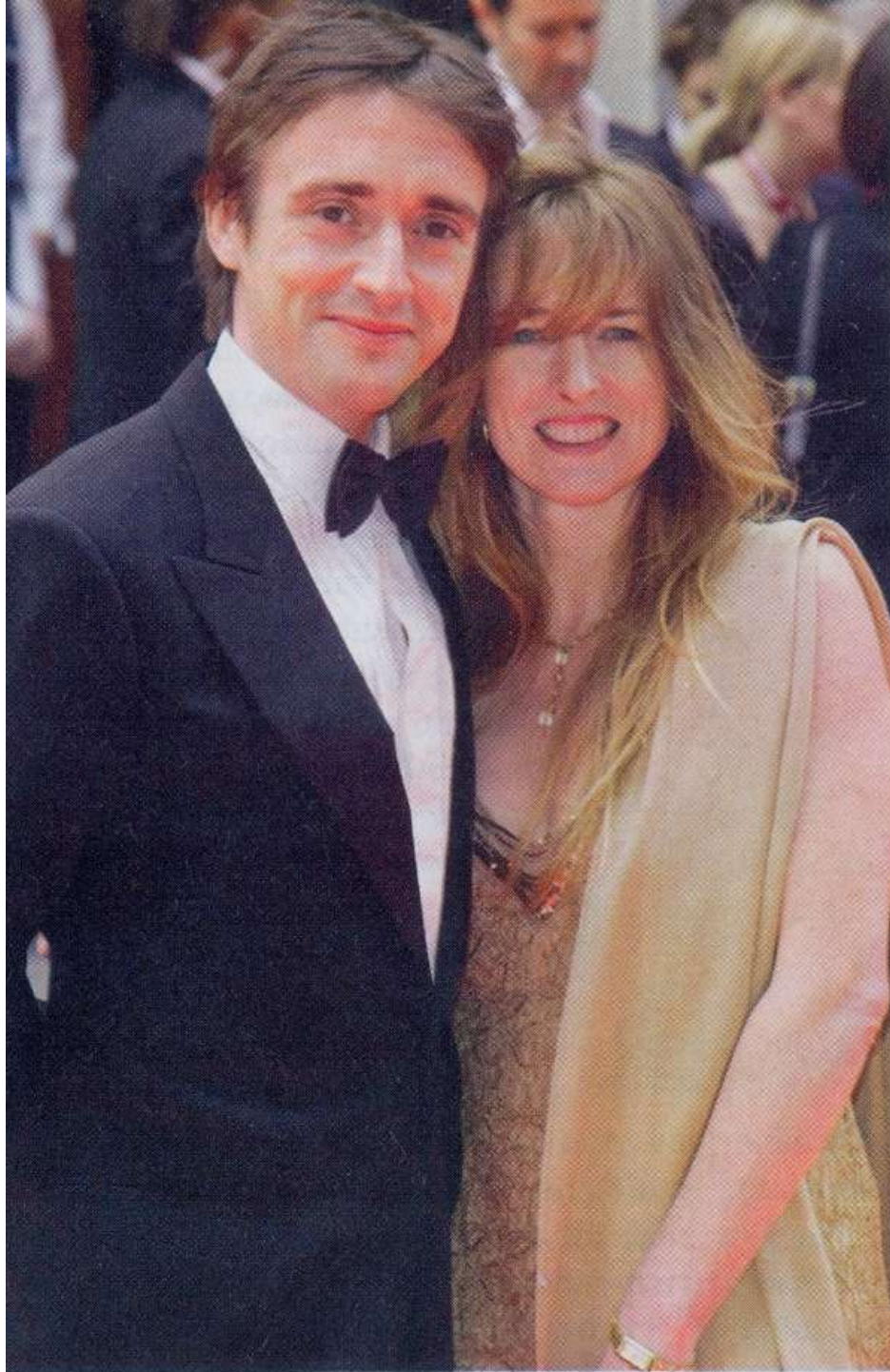
- Foi. E rasgou as roupas. Então, vou precisar ir até lá levar roupas novas - expliquei.

**Quando estava no carro**, liguei o rádio e ouvi a BBC. O noticiário disse que a situação de Richard era crítica. Crítica! Foi a noite mais horrível da minha vida. Pior do que horrível. Levei quatro horas para ir de carro até Leeds, e tudo o que via eram as luzes dos carros e dos postes. Estava tremendo e chorando muito. Meu marido maravilhoso, corajoso, engraçado, lindo, amado, adorado estava me esperando. Mas talvez ele não fosse mais ele mesmo.

Nos últimos 15 quilômetros do trajeto, tentei me controlar. Enxuguei as lágrimas, assoei o nariz e tratei de vestir minha armadura, pronta para entrar na batalha. Encontrei Andy numa porta lateral do hospital e entramos escondidos para driblar os repórteres.

O tubo de um ventilador mecânico estava preso na boca de Richard com esparadrapos que davam a volta na cabeça. Havia soro em ambos os braços e monitores presos ao peito e às mãos. Seu rosto se mostrava inchado e amarelado; na testa, havia um enorme "galo", e sua pálpebra esquerda estava vermelha e quatro vezes maior do que o normal. Em volta das narinas havia sangue ressecado misturado com terra. Ele estava imóvel, sem demonstrar qualquer sinal de vida. "Oi, meu amor..." As lágrimas rolaram em meu rosto quando falei com ele. Sabia que Richard estava ali. Soterrado, cansado, exausto, mas não morto. Só precisaria esperar por ele.





“Mindy me entende mais do que eu mesmo. Quando me apaixonei por ela, sabia que tinha encontrado minha alma gêmea.”

do órgão ligada ao reconhecimento, à personalidade e à habilidade de medir distâncias, tomar decisões e solucionar problemas. Tudo o que podíamos fazer era esperar. É estranho viver uma situação que você já viu milhares de vezes na TV. Fica a sensação de que aquilo não é real.

**A cada meia hora** uma enfermeira vinha fazer uma avaliação, pedindo que Richard fizesse diversas coisas: abrisse os olhos, mexesse os dedos do pé, dissesse o próprio nome, apertasse o dedo dela...

Os médicos me explicaram que as primeiras 48 horas eram as mais importantes. Richard estava consciente após o acidente, mas fora sedado ao chegar à Emergência, para que seu cérebro não sofresse ainda mais danos. Logo eles pararam de dar os sedativos, mas então o ferimento que Richard tinha no cérebro começou a apresentar conseqüências. Não havia fronteira clara entre consciente e inconsciente. Richard sofrera uma hemorragia cerebral, e a maioria das lesões estava no lado direito do lobo frontal, a parte

Durante algum tempo, as avaliações mostraram uma pequena melhora. Mas, então, às quatro da manhã, ele começou a piorar. Richard não estava mais lutando.

– A situação está ruim, não está? – perguntei à enfermeira.

– Não está boa – admitiu ela, tentando provocar dor em Richard para estimular um reflexo, sem obter resposta. Agora ela estava gritando com ele, tentando fazê-lo apertar seus dedos indicadores, um em cada palma das mãos inertes: “Richard! Richard!”





**A equipe do programa (a partir da esquerda): James May, Jeremy Clarkson, eu e a cadela Top Gear.**

**No turno do dia,** um enfermeiro chamado Jim o machucou, tentando provocar uma reação. Richard reagiu violentamente à dor: remexeu-se, sentou-se num pulo, com a mão direita pegou o tubo do ventilador mecânico, que tinha uns três centímetros de diâmetro, e o puxou com toda força. Dois enfermeiros tentaram impedi-lo, mas Jim mandou que o soltassem. Richard fez um som de quem ia vomitar, como um animal que regurgita comida.

- Posso gritar com ele também? - perguntei. - Do jeito que grito quando está bêbado?

Nas raras ocasiões em que Richard sai para beber com os amigos, gritar é a única maneira de convencê-lo a se levantar do sofá e ir para a cama. "Richard!", gritei. "Aperte os dedos dela! Agora! É muito importante!" As lágrimas rolavam pelo meu rosto.

Quando parei de gritar, Richard fez um pequeno movimento com ambos os dedos médios! Ele se lembra de ter tido a sensação de estar cansado e de haver um caminho fácil a tomar - podia simplesmente dormir, ir embora. E era isso que decidira fazer. Mas se lembra de que algo o puxou de volta. Estava exausto mas, com um esforço, conseguiu retornar.

Eu estava horrorizada. Mas, a cada vez que fazia o som, ele conseguia arrancar mais um pedaço do tubo da boca. Após tirar tudo, tossiu, gemeu e desmaiou.

Sem o tubo de ventilação, sua respiração estava muito fraca. Fiquei observando-o. Subitamente, seu braço direito começou a se mexer. Richard procurou algo debaixo das cobertas até encontrar o que queria.

Ao ver isso, Jim ficou radiante. "Ele é um dos que apalpam. Isso é um bom sinal." Jim explicou que aquilo era comum em homens com ferimentos parecidos com os de Richard. "Eles regridem. É como se Richard fosse um menininho. Voltou aos instintos básicos, e está verificando se a parte mais importante de seu corpo ainda está no lugar."



No fim da manhã, Richard encontrou outro corpo estranho que não quis ter ligado a si – um cateter. Agarrou-o e deu um puxão. “Não, Richard!”, gritei, tentando pegar-lhe a mão, mas ele me empurrou para longe. Foi então que percebi que o olho bom estava um pouco aberto. “Oi...”, falei gentilmente.

Richard me encarou, mas não pareceu me reconhecer. Quando Jim limpou a bagunça que ele havia feito, eu me tranquei no banheiro, sentei-me e chorei. “Onde você está?”, sussurrei, segurando a cabeça entre as mãos. “Volte para mim, por favor.”

**Apesar de ter tentado retirar** o fio de um dos monitores, os soros e a máscara de oxigênio, Richard estava melhorando. Ele odiava ser acordado de seu sono profundo para fazer avaliações, e vivia irritadiço, xingando os enfermeiros. Num momento mais tranquilo, eu estava acariciando de leve sua testa quando ele moveu a cabeça em minha direção e murmurou algo. “O que foi, meu amor?”, perguntei. Richard repetiu o que havia dito, e eu distiquei as palavras “caixa de câmbio”.

Alguns dias antes meu Land Rover apresentara um problema. Para mim, tinha sido a embreagem; para Richard, a caixa de câmbio. Mas o mecânico dissera outra coisa.

– Não – expliquei a Richard. – O problema era no cilindro principal.

– Ah... – disse, e voltou a dormir.

Eu sorri de orelha a orelha. Ele estava se lembrando de um pedacinho de sua vida, se lembrando de seu mundo – do nosso mundo!

**Quase toda a equipe** do *Top Gear* estava acampada num quarto que havia sido reservado pelo hospital. Tanto Jeremy Clarkson quanto James May haviam ido para lá na noite anterior, assim que souberam do acidente. Os médicos permitiram que visitassem Richard na noite de quinta-feira, e eu fui descansar um pouco. Richard abriu os olhos, deixando todos atônitos. Corri de volta para o quarto e ele estava, incrivelmente, sentado na cama! Então me encarou com um sorriso bobo e o olho bom aberto até a metade. “Oi, amor.” Ele me reconheceu! Que coisa boa ver aquele olhar safado mais uma vez. Richard insistiu em ficar de pé e ir fazer xixi. Segurei um de seus cotovelos, uma enfermeira segurou o outro, e uma segunda acompanhou-nos até o banheiro, levando o soro. Richard ficou surpreso com sua falta de coordenação, mas não parava de sorrir para mim. Achei que meu rosto ia explodir, tão grande era o meu sorriso.

Naquela noite, depois de ligar para todo mundo e dar a boa notícia, consegui dormir algumas horas.

Como Richard havia melhorado muito nas últimas 24 horas, pôde sair da UTI. Sempre que ficava lúcido, nós perguntávamos se sabia onde estava. Ele sabia vagamente estar em Leeds, e, quando perguntávamos onde, respondia “no hospital”. Mas não tinha idéia do motivo de estar ali. Expliquei-lhe que sofrera um acidente.

– Que chato, hein?... – respondeu Richard, calmamente, como se quisesse brincar comigo, e me olhou com uma expressão incrédula.



- Você bateu de carro, meu amor - sussurrei.

- Bati? E foi legal?

- Impressionante!

- Ah...

A atenção de Richard se voltou para uma enfermeira que passou segurando um pires e uma xícara. "Vamos tomar um chá?", perguntou ele.

Richard estava sofrendo de amnésia pós-traumática, e durante a maior parte do tempo tinha a memória de um peixinho (cerca de cinco segundos). Ao conversar com as pessoas, ele parecia normal, mas logo a conversa dava uma volta e retornava ao início. Tudo era novo para Richard. Até receber alta, ele sempre ficava feliz quando traziam torta de carne com legumes para o seu almoço. "É a minha preferida! Como adivinharam?", dizia toda vez, sem saber que fora ele mesmo que escolhera a torta no cardápio do hospital.

Richard tinha fiapos de memória, mas não se lembrava de nada do que havia acontecido desde o acidente. Os médicos disseram que ele se achava "cl clinicamente confuso". Também estava sofrendo de terríveis dores de cabeça, e vinha sendo medicado com morfina e um coquetel de remédios. Ele só não esquecia, nunca, de que eu era sua aliada. Só não tinha uma certeza: se eu existia de verdade ou não passava de alucinação. Mas eu não conseguia sair de perto dele.

Estava sentada na cama, conversando com Richard, quando ele disse:

- Aqui é muito legal e você é uma graça. Mas eu tenho de ir.

- Como assim?

- Preciso voltar para minha mulher. Que choque eu tomei!

- Não, amor. Eu sou sua mulher.

- Não. Você é uma graça, mas minha mulher é francesa.

Havia uma grande ausência em Richard, e eu temia que jamais pudéssemos encontrar todos os pedaços necessários para supri-la.

**No domingo as meninas chegaram.** Richard ficou radiante ao vê-las. Eu tentei preparar as duas para o que iam ver, e Izzy tentou conversar com o pai sobre a nossa casa e as brincadeiras que vinha fazendo, mas ele não conseguia se concentrar. Acenava com a cabeça, mas estava quase dormindo.

"Já é hora de dizer tchau para o papai", sussurrei.

Willow deu um beijo em Richard.

Os olhos de Izzy ficaram cheios de lágrimas. "Tchau, papai."

Richard arrancara a venda que cobria seu olho machucado, de aspecto horrível. A voz de Izzy era só tristeza, mas o pai estava quase perdendo a consciência. Então, os olhos dele se fecharam e nós três saímos do quarto. Izzy começou a chorar muito.

- Izzy, ele vai melhorar, eu prometo. Só está cansado.

- Tá bom, mamãe.

Bravamente ela enxugou as lágrimas com as costas da mão. Mas acho que não acreditou em mim.

Passada apenas uma semana desde o acidente, os médicos disseram que Richard poderia ser transferido de helicóptero para um hospital no bairro de Clifton, na cidade de Bristol, para





**“A equipe de resgate aéreo que me transferiu do hospital em Leeds foi a mesma que havia me resgatado na semana anterior.”**

assim ficar mais perto de casa. O neurocirurgião Rick Nelson passou a cuidar dele. Sempre calmo, o médico nunca levantava a voz, e ouvia pacientemente os discursos animados de Richard, sabendo que havia algo por trás daquela alegria e despreocupação. O Dr. Nelson percebeu que Richard tentava demonstrar estar articulado e quase recuperado, mas, quando lhe perguntávamos que cidade era aquela, logo ficava confuso.

Sua mente continuava embaralhada. Os médicos compararam o estado de suas funções mentais com um arquivo que havia caído no chão: os papéis de

todas as gavetas tinham-se espalhado. Estávamos tentando ajudar Richard a arrumar tudo de novo.

Às vezes ele ficava frustrado, furioso ou desesperado. Mas o segredo era: paciência. Paciência e descanso. Muitas vezes nós nos esquecemos de que o cérebro não serve só para pensar, refletir e calcular; ele também controla cada gesto nosso. Quando movemos um dedo, nosso cérebro trabalha. O cérebro de Richard estava exausto, e a melhor terapia era o sono.

Eu passava todas as noites com ele, correndo de volta para casa à tarde, para ver as meninas, mas Richard estava muito inquieto. Agora, que já conseguia andar e estava até se exercitando na academia, tudo o que queria era sair do hospital, e começava a ficar exasperado com a situação. Ele precisava de





**“Passear ao ar livre de novo me fez bem. Mas foi um pouco assustador.” Aqui, Izzy, Willow e Richard na Escócia.**

paz, tranquilidade e muito sono. Era preciso encontrar um lugar onde pudesse descansar, e então tirá-lo do hospital sem chamar a atenção da imprensa. Os *flashes* das máquinas dos repórteres podiam até fazê-lo ter convulsões, e eu estava convencida de que ele não suportaria ficar trancado em casa, sem poder sair.

A solução foi alugar uma casinha num lugar remoto da Escócia. Uma equipe de homens altamente treinados, ex-membros das Forças Especiais, entrou em ação, ajudando-nos a sair escondidos do hospital e levando-nos até um local previamente combinado, onde embarcamos num *trailer* no qual

já estavam Izzy, Willow e dois dos nossos cachorros.

Uma vez no esconderijo, começou a etapa seguinte do processo de cura. Emoções inesperadas bombardeavam Richard: ele tinha pavor de estranhos, sentia raiva de estar com medo, ficava amedrontado pela responsabilidade de cuidar das meninas, frustrado com suas limitações. Mas, a cada dia, melhorava um pouco. Até que, finalmente, pudemos voltar para casa.

## Richard

Não foi como voltar para casa depois de longas férias. Eu ficara apenas cinco semanas fora. Andei por todos os cômodos, absorvendo tudo o que havia à minha volta. Via-me cercado de lembranças e objetos. Estava em casa, mas me sentia triste. Essa era a primeira



vez que eu entrava num lugar de que me lembrava, um lugar onde estivera antes do acidente. Foi quando me reconheci. A casa estava igual, mas eu jamais seria o mesmo.

Eu e Mindy nos abraçamos. Não precisei contar a ela que estava triste e nem explicar por quê. Ela já sabia. Sem que eu percebesse, Mindy se tornara tão importante para mim quanto a água ou o ar; ela era meu refúgio, meu escudo e minha força. Já havíamos chegado até ali, e não íamos desistir.

**Agora, mais de dois anos** após o acidente, já não tenho pavor de estranhos e não preciso mais tirar um cochilo no meio do dia. Os médicos e enfermeiros que cuidaram de mim me salvaram e trouxeram minha mente de volta. Mas precisei reaprender lições sutis para usar o cérebro que eles me haviam devolvido. O processo continua. Agradeço aos céus por ser capaz de continuar lutando.

Também voltei ao estúdio do *Top Gear*. A equipe bolou algumas brincadeiras para a minha volta, e nós as levamos ao ar, em parte para nos divertir. Mas, ao mesmo tempo, sabíamos estar lidando com algo difícil e delicado, não apenas para mim e para a equipe, mas para todos aqueles que

são afetados pelos milhares de acidentes de carro que ocorrem todos os dias.

Os médicos temeram que eu pudesse me lembrar do acidente, quando voltasse a dirigir pela primeira vez. Mas nem pensei nisso. Eu estava num carro com motor a jato, quando aconteceu o acidente. Se tivesse ouvido o barulho de um motor a jato quando liguei meu carro, teria ficado assustado. Mas era diferente. Eu ia dirigir de maneira normal, algo que adorava fazer. Nós rimos muito. Minhas filhas também caíram na gargalhada quando as levei para passear de carro pela primeira vez, alguns dias mais tarde.

– Papai, você vai dirigir?

– Vou. Os médicos disseram que agora eu já posso.

– Legal.

Elas ficaram em silêncio, muito concentradas.

– Papai? – chamaram as duas juntas, com suas vozinhas melódicas.

– O que foi?

– Não vá capotar o carro e bater com a cabeça de novo, viu? Senão vamos ter de ir para o hospital e não vai ter ninguém para cuidar dos cavalos – disseram, morrendo de rir de sua própria piada.

Não vou mesmo, se puder evitar.

## CRÍTICA OU ELOGIO?

**Minha mãe**, 88 anos, é muito vaidosa. Numa festa, um amigo lhe disse:

– Edith! Em vinte anos você não mudou nada!

– Credo! – disse mamãe, mortificada. – Que horror saber que eu já estava assim vinte anos atrás!

*Jim Brading, EUA*